



VOZ HOMOERÓTICA MASCULINA PRESENTE EM RATO, DE LUIS CAPUCHO

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva

RESUMO: O presente artigo tem como principal propósito levar à reflexão sobre o homoerostimo enrustido existente na obra *Rato* (2007), do escritor capixaba Luís Capucho, e a sua contribuição para a literatura gay brasileira. Ainda na análise desse título, tenciona-se observar as particularidades do Naturalismo que a mesma traz em si, visando à discussão da efemeridade da relação homoafetiva do narrador-personagem com a personagem Plínio pelo decorrer desta trama, assim como os pontos de encontros sexuais dos mesmos. Almeja-se nesse raciocínio, considerar algumas das características que moldam o narrador pertencente à contemporaneidade e os elementos descritivos que ele faz uso para solidificar um enredo narrativo; por essas concepções, busca-se discutir aqui esse posicionamento narrativo em obras desse tipo.

Palavras-chave: Rato, Homoerotismo, Literatura gay, Luís Capucho, Naturalismo.

INTRODUÇÃO

O livro *Rato* (2007) é o segundo publicado pelo capixaba Luís Capucho e narra o cotidiano de um personagem homossexual incubado que não ignora seus gostos e desejos, mas tenta de todas as formas escondê-los. O narrador-protagonista se autodenomina Rato, por ter características desse tipo de roedor, e todos os acontecimentos dessa narrativa giram em torno de si.

Essa análise literária é de cunho bibliográfico e crítico-reflexivo diante das particularidades que compõem as configurações homoeróticas presentes na literatura contemporânea. Tentam-se com o material exposto compreender as vozes

homoeróticas masculinas subjacentes nas obras gays pós-modernas.

Rato possui 227 páginas, saiu pela editora Rocco e narra a história de uma ‘bicha enrustida’ que de uma forma intimista e discreta se entrega aos seus desejos mais lascivos e luta pela sua existência. A narrativa foge dos padrões tradicionais de escrita, não pela presença apenas de um discurso gay ou um relacionamento homoafetivo, no entanto, a estruturação da narrativa, o vocabulário pobre, e às vezes chulo; a forma no qual o narrador-personagem se expõe.

Esmagadora maioria das cenas da história acontece na casa do protagonista que fica no centro da cidade do Rio de Janeiro, uma estrutura residencial antiga que serve de moradia para homens, quase como uma



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pensão. Dona Creuza, mãe do personagem principal é a dona desse ambiente que é apelidado de Cabeça-de-porco – a antiga proprietária, por causa de um derrame, se afastou do velho casarão, deslocou-se para Brasília, fora morar com suas filhas e tratar-se de uma enfermidade e Dona Creuza, empregada até então do Cabeça, assume a frente da propriedade.

O protagonista sem nome usa expressões não muito comuns ao léxico da maioria das pessoas, ressalta-se que ele é rapaz jovem, um leitor assíduo e sonha em viver da escrita, por esse motivo não trabalha e é sustentado por sua mãe.

O personagem de Luís Capucho usa o pseudônimo Rato, porque ele tem atitude desse roedor que quase não fica na superfície, ele ainda afirma que é um: “Eu sou um Rato. Saio da toca de sobressalto.” (CAPUCHO, 2007, p.29). O personagem principal não nega sua identidade, mas a esconde: tem um padrão heteronormativo pautado pela sociedade, todavia, não nega o desejo provindo de seus iguais: “Como vampiros de um outro mundo, os homens que passaram por nós no caminho chuparam um pouco de minha alma para si.” (CAPUCHO, 2007, p. 119)

A temática sexual é bastante explorada nessa obra, o personagem central, apesar omitir sua sexualidade, em algumas situações

do livro é pego obsevando um dos rapazes tomando banho, ele se masturba, tem caso com um rapaz, cita relações homoafetivas antigas. O livro em questão pode ser encarado como aquele que mostra o processo de evolução pessoal deste indivíduo que se esconde do outro, que tem vergonha de seus desejos, um rapaz de 27 anos que não tem pré-disposição para atenuar seu sustento, seu subsídio financeiro.

Em *Rato* os personagens têm nomes (exceto o sujeito principal), características próprias e se defrontam com o personagem central. Até a própria morada deles pode ser vista como um personagem autônomo na narrativa, o local sempre é referido como um ser vivo que passa por um ciclo temporal: “o que antes era uma casa onde se comunicavam olhos, boca, narina e orelha, hoje são cômodos compartimentados” (CAPUCHO, 2007, p. 102). Toda vez que o narrador-personagem se refere a sua residência, ela está escrita com letra maiúscula, Cabeça-de-porco – um substantivo próprio.

Rato é uma ficção, mas mostra na subexistência do protagonista aquilo que é vivido por muitos garotos: sujeitos que se apresentam de uma forma para a família, mas que fazem *pegação* na encolha, em lugares públicos ou putrefatos, nos guetos que os expõem à polícia e\ou homofóbicos. A história da literatura disseminou a promoção

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



de valores patriarcais que refletem na sociedade até os dias de hoje. Porém, a obra contemporânea aqui analisada não tem herói, excesso de sofrimento ou uma mulher fenomenal, não nos traz a Arte pela Arte; respectivas características do Romantismo e Parnasianismo brasileiros. *Rato* traz um gay um enrustido que luta pela sobrevivência ao cobiçar em segredo corpos masculinos. As reflexões aqui presentes colocarão em pauta as características de um narrador contemporâneo e a proximidade que esta obra de Capucho tem com o Naturalismo brasileiro.

PARTICULARIDADES NATURALISTAS EM RATO

A obra *Rato* de Luiz Capucho apesar de pertencer à contemporaneidade, em todos os seus cinco capítulos e no epílogo final possui particularidades presentes daquela escola literária que conhecemos como Naturalismo Brasileiro. Apesar de Capucho retratar um cenário contemporâneo de uma forma parecida aos escritores naturalistas: aproximação das atitudes do ser humano às dos animais, descrição das coletividades, exposição de taras, vícios e patologias dos personagens e tratando os mesmos como produtos do meio (AMARAL, 2000). No geral, as personagens se rendem às

características naturalistas em seus momentos sexuais, de fúria ou afronto; como podemos observar nesse fragmento:

Quando transo com Plínio deixo que ele bafeje minhas costas feito um animal louco como se o que estivesse me amando fosse a masculinidade. É como se a virilidade me amasse, como se houvesse um pólo que significasse homem. (CAPUCHO, 2007, p. 102).

No livro, o autor também nos mostra o vício em maconha e tabaco dos personagens Rato e Plínio – e ainda nessa perspectiva naturalista, sabe-se que os tipos humanos muitas vezes encarnam vícios nesse contexto literário, (AMARAL, 2000). Como já foi visto aqui, o principal personagem se coloca numa posição de animal ao se considerar um rato porque ora está só, ora sente a necessidade de sair de sua toca e emergir á superfície:

Eu sou um rato. Saio da toca sobressaltado, rápido, para conseguir um pouco de comida, mas o meu mundo mesmo é a toca... (CAPUCHO, 2007, p. 29).

Às vezes o protagonista também se compara aos peixes que ficam nas águas mais



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

profundas de bacias hidrográficas, assim, nota-se que “[...] é o homem descendo à condição animalésca em sua situação de mero produto das circunstâncias externas...” (AMARAL, 2000).

Se não fossem os contextos diferentes, poderíamos equiparar o ambiente dessa obra de 2007 com *O Cortiço* (1890): ambas as narrações se passam pelo Rio de Janeiro, possuem personagens que moram amontoados uns sobre os outros, diagnósticos sociais que lindam com a pobreza cotidiana. Só que em *Rato* não há João Romão que pretende ascender socialmente se promovendo às custas de seus inquilinos, mas há Dona Creuza, proprietária da Cabeça-de-porco que é lesada por seus locatários e precisará se refugiar com seu filho enrustido num porão de uma família de amigos.

Ainda nas comparações entre *O Cortiço* e a Cabeça-de-porco de *Rato*, ambos os quadros das situações narrados ocorrem em residências coletivas e tanto a casa administrada pela mãe do narrador, quanto o cortiço de João Romão ‘nascem e morrem’ em ambas as narrativas.

Segundo Silva e Fernandes (2007), narrativas gays, geralmente possuem particularidades naturalistas, no entanto, sem o espírito “determinista” pregado pela antiga escola. Outras obras gays que, mesmo não

estando naquele contexto histórico, possuem o caráter naturalista: *O segredo de Brokeback Mountain* (2006), de Annie Proulx e *Sobre rapazes e homens* (2006), de Antonio de Pádua Dias da Silva.

Ainda sobre o Naturalismo em *Rato*, as personagens podem ser vistas como produtos de seu meio e, geralmente, com o mínimo de valor moral, como podemos ver nessa fala de Valdir:

“– Porque essa merda não é legalizada, você não tem nenhum papel, documento, nada que prove que temos um vínculo comercial. Pelo menos quando vim morar aqui não assinei nenhum papel. E, como eu sei, essa casa não tem dono, vamos morar aqui de graça, sem cuidar de malandros. (CAPUCHO, 2007, p. 70).

Valdir começa a se questionar sobre o porquê de ter que pagar aluguel a Dona Creuza, sendo que não foi acordado de forma burocrática para poder, de fato, fazer isso e usa como justificativa que proprietária também não é a dona do estabelecimento: é a empregada que morava nos fundos que assume a Cabeça-de-porco assim que sua patroa fica doente.



Outra situação que mostra a falta de moral dos personagens ocorre quando Plínio e Rato transam de forma desenfreada em qualquer lugar: terrenos baldios, em manilhas, à noite na varanda da casa de Alistamento Militar, a razão da escolha desses ambientes por Capucho em seu livro se dá, pois:

A configuração do espaço na literatura gay [...] revelou que as relações homoafetivas são representadas, de maneira mais recorrente, em espaços fechados ou que possam esconder o desejo gay. (SILVA, FERNANDES, 2007, p. 162)

Como um romance naturalista, *Rato* possui um enredo ousado e até quase pornográfico, mas não chega a ser apelativo. A falta de pieguice romântica presente neste também caracteriza títulos provindos dessa escola literária, assim como o homoerotismo masculino presente na obra.

ELEMENTOS DESCRITIVOS EM RATO

Luis Capucho, por intermédio do narrador-personagem, vai descrevendo

minuciosamente a morada dos personagens, veja:

É uma casa azul-celeste com janelas contornadas por um alto-relevo que dá a impressão de que a janela retangular é oval, meio redonda. (...) No frontispício, entre as duas janelas frontais, mais acima delas, a casa possui uma cabeça encravada no reboco, quase como um terceiro olho. O rosto dela olha para a calçada embaixo, e não sabemos tratar-se de homem ou mulher. É um desses rostos perfeitos, clássicos, que apenas se denunciam jovens. Esta casa era chamada pela antiga dona e administradora de “O Casarão”, mas todos sabemos que moramos numa Cabeça-de-porco. (CAPUCHO, 2007, p. 08).

Apesar de o livro ter uma tendência naturalista, Capucho parece fazer uma descrição quase alencarina tanto dos ambientes que se passam a história, quanto das personagens que perpassam o enredo – no entanto de forma objetiva, mas às vezes ele consegue ser prolixo. Como já foi exposto neste estudo, a história é contada por um



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

narrador-personagem sem nome, porém o leitor, consegue distinguir cada persona citada naquele enredo. Talvez Capucho tenha usado esse artifício para aproximar o leitor àquele contexto. A descrição dos personagens assim como do meio que elas vivem muitas vezes mesclam com o lineamento das sensações do protagonista, como em:

Aprisionado que estou no tempo de agora, pouco imagino o que poderia ter sido essa casa quando foi construída, entretanto esse cômodo, por ser o primeiro da casa e por ter as janelas que dão para a rua, deve ter sido uma sala da casa original. (CAPUCHO, 2007, p. 09).

Observa-se que o autor contemporâneo não trabalha de forma linear, não se centraliza num único esquema ou se influencia excepcionalmente por um estilo ou movimento literário, fazendo sua literatura autônoma, não a exercendo de modo unívoco, CASANOVA (2002).

Luís Capucho é um autor autônomo em *Rato*, propaga o olhar homoerótico enrustido ao leitor como numa percepção de mundo existente, mas escondida. É exposto no livro o processo de evolução de um personagem frágil, vulnerável que

inconscientemente pensa ser incapaz de viver sem sua mãe até o fazê-lo. Capucho não poupa detalhes ao expor esse processo, mesmo que isso em alguns momentos de maneira angustiante para o leitor. Os odores, as texturas e até o clima são paulatinamente descritos, assim como a inquietude e a perversão da figura homossexual é francamente exposta, do mesmo modo que o seu contato com a maconha. Percebe-se assim que,

A autonomia, sempre relativa, torna-se então um dos princípios organizadores do espaço literário mundial. Permite aos territórios mais independentes do universo literário enunciarem a sua própria lei, assentarem os critérios e os princípios específicos de suas hierarquias internas, pronunciarem juízos e avaliações justamente em nome de sua autonomia, contra a imposição das divisões políticas ou nacionais... (CASANOVA, 2002, p 114).

Logo, *Rato* nos revela o mundo particular vivido ainda por alguns gays desse momento contemporâneo.



EFÊMERA HOMOAFETIVIDADE

O narrador-protagonista de *Rato* vive um relacionamento com um dos mais novos inquilinos de sua mãe, Plínio. Essa relação ao mesmo tempo em que aconteceu de maneira intensa, foi muito rápida e transparece as vivências desse tempo na realidade.

Plínio chega ao enredo no segundo capítulo do livro e os primeiros contatos entre o personagem principal e o novo hóspede nos lembram dos contos de amor de outra época, no entanto de forma visceral e homoerótica: “[...] o novo hóspede que, das vezes em que me olhou, olhou-me cheio de tesão.” (CAPUCHO, 2007, p. 33). O primeiro encontro em que houve relação sexual entre o casal aconteceu numa casa em construção, quando Rato foi comprar passagem de sua mãe para o Espírito Santo. Dali em diante se “arrocharam” em todos os lugares possíveis: lotes baldios, matas, escondidos em manilhas e até na varanda da casa onde jovens prestava serviço militar. A temática sexual alastra-se por boa parte da obra de Capucho seja por temas simples como o ato da masturbação do protagonista no banheiro da Cabeça-de-porco ou na casa de seu amigo até episódios sexuais com Plínio em casas abandonadas que se prolifera cheiro de fezes pelo ar.

O “caso” entre Plínio e o personagem principal de *Rato* é muito rápido, e observa-se com esse enredo que Capucho tenha solidificado em algumas linhas uma realidade: a efemeridade dos relacionamentos gays da atualidade – visto que, segundo Candido:

(...) a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a *uma praxis* socialmente condicionada.

(CANDIDO, 2006, p. 64)

Todavia, esses relacionamentos efêmeros acontecem não necessariamente por intuito de aventura ou perversão e sim pelos fatores heteronormativos que ainda circundam a sociedade brasileira. Prontamente, *Rato* é produto da sociedade atual.

A relação dos dois personagens homoeróticos provém da dicotomia entre o desejo e o ilícito, o regular e o irregular. Plínio até propôs um relacionamento mais sério, fora do casarão da mãe de seu estimado, no entanto, este não tinha independência financeira, era orgulhoso, mimado e tinha medos:

“Ando de volta para casa pela rua de edifícios, pensando em como morar



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

longe daqui, do familiar centro da cidade, que é essa parte ainda tranquila, no frescor do casario à sombra dos edifícios que vêm até à esquina.” (CAPUCHO, 2007, p. 73).

Outra circunstância que impediria o narrador-personagem de se relacionar com Plínio, seria o fato de ele se render facilmente ao desejo e enjoar de seus companheiros com o tempo: “(...) minha liberdade consiste na sensação de ser atraído continuamente pela força dos homens...” (CAPUCHO, 2007, p.119).

Verifica-se também que o casal homoafetivo se encontrava em lugares muitas vezes hediondos, fedidos e ainda dividiam o lugar com fezes humanas, cultivando o desejo gay na zona dark, trinando a solidão muitas vezes na troca de parceiros, García (2011). E ainda nesse mesmo sentido:

A caracterização dos espaços saturados de elementos paisagísticos indicadores de valor negativo ou menor – sujos, escuros e cheios de excrementos – parecem transpor o significado destes para as relações desenvolvidas entre as personagens, sutilmente denegrindo-as, rotulando-

as como transgressoras, sujas e que, portanto, devem se manter escondidas, não vindo à luz para que a mancha que macula a orientação sexual que seguem não seja vista e, assim, possa ser mantido limpo o discurso em favor da heteronormatividade. (SILVA, FERNANDES, 2007, p. 161).

Nessa concepção, Antônio de Pádua Dias da Silva e Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes também caracterizam os ambientes utilizados para o encontro de casais homo masculino em narrativas; percebe-se que as atitudes intimistas dos personagens, juntamente dos ambientes de encontram transparecem o teor pejorativo que um casal gay impacta na sociedade e o que os leva muitas vezes aos encontros às cegas e á efemeridade da relação. Ainda nessa perspectiva,

A representação do homoerotismo na ficção contemporânea tem dado amostras de enunciar os desejos sexuais excludentes, *os corpos que pesam* (BUTLER, 2000, p. 65) e as bases que focalizam o subalterno. (García, 2013, p. 01).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Apreende-se então que as imagens de sujeitos homoeroticamente inclinados na literatura da contemporaneidade tendem a ser inferior que a daqueles que são heterossexuais, e *Rato* não foge desse modelo de literatura, pois as mesmas consomem a atual realidade.

De forma indireta, como resultado dessa atmosfera ínfima, o casal homoafetivo em questão costumava em cada encontro fazer o uso de maconha e ainda transarem sob o efeito alucinógeno da droga, o protagonista, entretanto, é o que mais sofria com as consequências dela.

Durante a leitura, observa-se que o protagonista sempre tem como referência sexual os habitantes da cabeça-de-porco, mesmo ainda quando se vê “apaixonado” por Plínio. O leitor desta obra de Capucho se debate sonhos lascivos e desejos reprimidos de um gay enrustido. O rapaz é favorecido financeiramente pelos ‘bicos’ de lavadeira e passadeira que mãe faz. Durante toda a narrativa, o personagem principal Rato, vive nesse clima de desejo pela masculinidade – seja espiando os hóspedes no banheiro, ou escrevendo em seu “diário” se embriagando com café e cigarros. O protagonista sonha em viver de literatura e de seus escritos, seria rato um personagem autobiográfico de alguma fase da vida de Luís Capucho? – Ressalta-se

que Dona Creuza, mãe de nosso protagonista viaja para o Espírito Santo, estado natal do autor, o que aproxima criatura e criador. Todavia, ao não nomear a figura central, Capucho faz com que ele seja a figura de qualquer indivíduo gay introvertido.

Como já foi visto nas reflexões aqui colocadas em pauta, Capucho em sua narrativa não só descreve espaços por onde perambulam as personagens, mas os seus desejos mais extremos: raiva, apatia, tesão.

A efemeridade da relação entre Plínio e o “personagem sem nome”, assim como a saída deste com sua mãe do casarão antigo, o fez amadurecer e lutar pela sua existência: ele arruma um emprego, sua mãe se converte a uma fé protestante e toda aquela sensibilidade e paixão pela masculinidade são outorgadas. *Rato* não é apenas uma narrativa, mas um processo de evolução de um gay enrustido. Plínio desapareceu, após a mudança ia visitar Dona Creuza e seu filho em sua nova morada, um porão em Jurujuba na casa de uma família de amigos, no entanto “foi rareando suas visitas até sumir.” (CAPUCHO, 2007, p. 126).

A narrativa de Luís Capucho não somente serve de exemplo de uma realidade ainda hodierna na vida de muitos gays em meio ao século XXI: insegurança, homofobia,



descaso da polícia perante aos sujeitos homossexuais, desejo reprimido – nessa perspectiva, percebe-se que o autor anuncia a realidade do homem reprimido que sente prazer por outros homens:

Entre o cruzamento ficção e realidade, letra e destino, a leitura vibra no eixo desse movimento do leitor imaginário que configura palavras que circulam em meio à hibridização de discursos literários. Entre o silêncio e o manifesto, emerge o devir da subjetividade gay que dispersa o factual e visa à transitoriedade do desejo, aos ecos da excentricidade dos páreos e dos horizontes de identidades marcadas. (GARCÍA, 2011, p. 11).

Por essas concepções, ratifica-se que a anunciação da realidade por Capucho em seu livro é uma representação literária daquilo que se acontece de verdade com muitos gays encobertos pelas estruturas da sociedade. Observa-se ainda que as configurações homoeróticas tanto em *Rato*, quanto em outras narrativas desse tipo, ainda são enrustidas, rápidas e viscerais – materializando ainda alguns preconceitos por

conta da discriminação e dos valores heteronormativos tão vigentes na sociedade.

CONCLUSÃO

Depois da leitura de *Rato* (2007), foram fomentadas reflexões sobre a voz homoerótica enrustida em narrativas gays contemporâneas, assim nasceu esse estudo – concretizado não apenas pela leitura deleite duma obra, mas ratificado por análise de artigos, autores e pela pesquisa de discussões de intelectuais a respeito da referida abordagem aqui exposta.

Percebe-se também que a atmosfera deste livro de Luís Capucho é possuidora de intermináveis particularidades naturalistas: ambientes sujos, personagens que não levam em consideração alguns valores morais e que em muitas situações podem ser comparados a animas por não fazerem o uso da razão. *Rato* pode ser comparado ao cânone brasileiro *O Cortiço* (1980) – ambos os títulos colocam em pauta personagens de uma classe menos favorecida que vivem amontoados num mesmo espaço.

Na presente comunicação, pode-se observar que a autonomia literária do autor se enquadra nas concepções de autor contemporâneo estipuladas em *A República*



Mundial das Letras (2010), por Pascale Casanova.

Rato seria um romance naturalista, se estivesse no contexto pertinente àquela escola literária, porém, não lhe faltam características do Naturalismo brasileiro: falta do sentimentalismo dá lugar ao destemor quase pornográfico vivido por dois homens que concretizam o coito quase como dois animais no cio, sedentos de desejo.

A obra do capixaba às vezes se torna cansativa pelo fato de o escritor descrever detalhadamente os ambientes os quais as personagens vivem a história, assim como as nuances provindas das sensações e atitudes dos mesmos.

Atenta-se que a relação efêmera entre Plínio e o narrador protagonista da obra é o início do processo de crescimento pessoal deste, pois até então todo o desejo que ele sentia pelo masculino era reprimido, canalizado para dentro de si e concretizado algumas vezes na masturbação ou no entretenimento de suas reflexões e escrita. Essa efemeridade do relacionamento homoafetivo de ambos também espelha esse tipo relacionamento no contexto atual.

Ficou sabido que há narrativas gays que possuem as mesmas características naturalistas e viscerais vigentes em *Rato*, e repare-se que mesmo no século XXI, tais

publicações assimilam o relacionamento homoafetivo à putrefação que deve ficar num estado oculto, escondido da sociedade.

Ainda constata-se que muito do que proliferado nessa publicação literária de *Capucho*, é pertinente aos gays que vivem escondidos e reprimem seus desejos e que quando conseguem concretizá-los é longe dos olhos da heteronormatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Amaral, Emília. *et. all. NOVAS PALAVRAS: Literatura, Gramática, Redação e Leitura. Volume Único.* São Paulo: FTD, 2000.
2. CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade:** estudos de teoria e história literária. 9 ed.
3. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
4. CAPUCHO, Luís. **Rato.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007.
5. CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras;** tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
6. García, Paulo César Souza. **Imagens do homoerotismo na ficção contemporânea.** Universidade do



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Estado da Bahia In: ANAIS
ABRALIC INTERNACIONAL
(2013) - Volume 1, Número 2, ISSN
2317-157X.

7. García, Paulo César Souza. **Leituras deslocadas, críticas e diferimentos: trânsito, histórias e reinvenções do amor homoerótico.** Universidade do Estado da Bahia In: XII ANAIS ABRALIC INTERNACIONAL (2011) - ISSN 2179-1082.
8. SILVA, Antonio de Pádua Dias da; Fernandes, Carlos Eduardo Albuquerque. **Apontamentos Sobre o espaço Físico e o Desejo Gay Em Narrativas de Temática Homoerótica.** Graphos. João Pessoa, v. 9, n. 2, 2008, p. 149-164